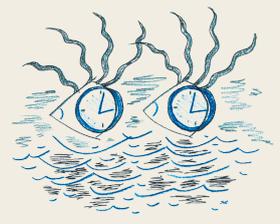
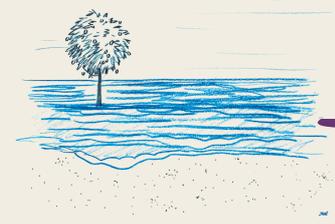
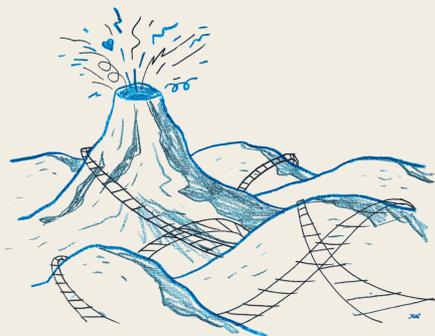


MUNDOS POSSÍVEIS





O INFERNO DE DANTE NA SESSÃO DE SÁBADO

Consigo sentir esse tremor em mim ainda hoje, depois de tantos anos desde que eu saí de lá. A casa onde eu morava fica em uma rua sem saída. De um lado, todas as casas de braços dados, com seus dois ou três andares, cada andar construído em uma década e suas famílias antigas lá dentro. Do outro lado, a linha do trem, onde ele vai e vem sem deixar de avisar. Aos oito anos eu já sabia quando o trem estava vindo dois minutos antes de ser possível ouvir seu apito, só pelo tremor do chão.

Quando o trem passa nós aumentamos o volume da televisão, que quase sempre está lá, no mesmo lugar, ligada, falando e fazendo barulho e mostrando imagens. No jornal, até nos de manhã cedo, passa muitas mortes. Parece importante mostrar todos os diferentes modos de morrer possíveis, para a gente ter muito cuidado. Mas confesso que alguns modos de morrer, embora me deixem sempre muito triste, não me dão tanta pena assim.

Outro dia vi a notícia de uma pessoa que morreu comida por um tubarão. O tubarão está lá no mar, dentro de casa, cuidando da família dele, e de repente chega uma pessoa entrando nas coisas, invadindo o espaço. O tubarão tem seus direitos - a televisão mesmo mostra que nós temos que cuidar do que é nosso. Um outro exemplo que me faz sentir tristeza mas também um certo conformismo é a morte pela força da natureza. Um baita terremoto ou um furacão furioso. Claro, é muito triste e angustiante ver tanta gente ao mesmo tempo sofrendo. Mas o planeta também é vivo, como uma pessoa gigante. Causa um outro tipo de angústia ver imagens tão parecidas de muita gente sofrendo e isso ser causado por outras pessoas. Traz um medo, um desamparo. Fico pensando se vai existir pelo menos algum mês no futuro sem uma guerra acontecendo.

José Lucas Queiroz

Me entristece, mas também não sinto tanta pena assim quando alguém é atropelado pelo trem. O trem avisa que está chegando quando ainda tem tempo de sobra para esperar ele passar. Não entendo como algumas pessoas ainda acham que o tempo passa diferente para elas. Como não prestam atenção ao som do trem se isso pode acabar com a sua vida? O barulho do trem atropela primeiro o silêncio. E não é tão difícil assim interromper o silêncio. O relógio da cozinha fatia o silêncio com o seu tic tac, tic tac.

~

O almoço na casa onde eu nasci sempre foi quente. Minhas avós, minha mãe e eu. O feijão irradiava aroma de alho e beterraba. O tomate sobre as folhas era tão vermelho, parecia aceso. Vermelho sobre verde me lembra o Natal. Arroz branco, feijão vermelho, panelas pretas e velhas. Pretas e velhas. Muita luz desliza pela janela e os passarinhos cantam enquanto mastigamos. E a televisão ligada para ninguém, sussurrando pelo portal. Batatas amarelas como se estivessem acesas - uma luz diferente da dos tomates, é claro.

~

Sônia tira uma assadeira fumegante do forno. Dentro tem uma lasanha alta e pesada. Sônia vai da cozinha até a mesa do almoço com pressa, pano de prato entre as mãos e a comida. Alguém para no caminho e ela pede licença. Deixa eu passar, ela diz. Tá fervendo. Põe na mesa.

Ela ajeita os talheres, tocando com a ponta dos dedos e movendo um por um em toques leves - um centímetro. Ajeita pra conferir que nada saiu do lugar. Quatro pratos empilhados - rasos. Dois copos d'água. Dois vazios, longos. Um sabiá canta lá fora.

~

Sônia era negra, tinha os cabelos pretos escovados, as unhas grandes e bem feitas. Ela era forte, pisava forte. E ria. Muito. Gostava de perfume. Quando ia à rua punha anéis, grandes pedras de bijuteria. Vivia com gosto.

Era de uma firmeza decididamente bruta. Bruta e cuidadosa, uma mulher que sabia criar alguém - dava seu amor, mas não só ele. Era firme, atenta. Como o amor.

Ela cozinhava e arrumava a cozinha, fazia aquilo todos os dias - cozinhava e arrumava a cozinha. Lavava a louça e secava, com o mesmo pano de prato quente que antes protegia suas mãos. O pano ficava úmido e frio, a barriga continuava cheia.

Sônia tinha uma letra de topos quadrados. Terminado o trabalho na cozinha, cruzava as palavras, letra por letra, na mesa de madeira clara. Usava relógio, bolsa. Mais tarde, cochilava no sofá. Os cabelos presos em grampos, enrolados, calmas espirais.

Sem pressa, voltamos à lasanha. A televisão ligada na sala, a corrente de ar trazendo os ruídos elétricos para a mesa. Todos se sentam, Sônia chega por último. O feijão tem cheiro de alho e beterraba, mas hoje eu não vou comer feijão. É dia de lasanha.

Eu amo lasanha. Acho uma comida bonita, de belas cores. É quente, tem laranja, amarelo, um verdinho salpicado. Sai uma fumaça úmida, com um cheiro complexo. Saboroso. Mas o que mais me fascina são as camadas. A lasanha é uma só coisa feita de vários andares. Como um prédio. Ou melhor, como o planeta é. A casquinha de queijo ralado é como o chão onde nós vivemos e quanto mais você desce, mais quente fica. Por isso sempre espero para dar a primeira garfada na lasanha. Mas não espero demais, porque tenho que sair para a escola.

~

Eu sinto muita falta da Sônia. Sinto a falta dela todos os meus dias. Sinto falta da risada dela, do tempero dela, do perfume. Todos os perfumes dela. Sinto falta de ir na rua com ela comprar alguma coisa no mercado ou ir na loteria, ela toda arrumada. Em casa, ela sempre andava de chinelos. Assim como eu faço.

Tenho comigo a lembrança dos fins de tarde que começavam quando acabava a escola. Eu almoçava, ia pra escola a pé pois ela ficava na rua da frente. Por vezes, a Sônia me buscava no fim da aula pra passar na padaria, lanche e levar pão para casa. Era como ganhar um presente. Ali eu já admirava o fim da tarde. Os postes se acendem enquanto ainda parece dia e a partir daí vai escurecendo, como um anúncio iluminado da noite.

~

Num desses fins de tarde encontramos um ônibus sem rodas que era feito de livros. Ele nunca esteve lá antes, era uma biblioteca que mudava de lugar. Entrei lá e vi tantas coisas. Saí pensando que ia entrar lá de novo amanhã e ver mais livros que não tinha visto hoje. Mas no outro dia o ônibus já tinha ido embora. Se ele não tinha rodas, como ele se foi? Ainda esperei revê-lo por mais alguns fins de tarde.

~

Casa e escola, uma rua de distância numa cidadezinha quase sem distâncias. Eu só sabia andar a pé: eu também não tinha rodas. Não era preciso. Lembro da noite jovem, essa noite das seis, sem lua e com fome. Quando íamos na padaria, os pãezinhos de queijo eram as luas amassadas que eu buscava já ver no céu. Bolinhas irregulares como as rodas descartadas do ônibus-biblioteca.

Depois de tantos fins de tarde nos anos que ainda viriam, Sônia já começava a cochilar mais cedo. Arrumava a cozinha, dormia e eu indo em direção à porta pra ir para a escola, que foi ficando cada vez mais longe.

Eu não queria sair de lá, mas sempre quis sair dali. Um mundo de uma rua só era pouco, ela sabia. Elas sempre souberam. A rua que dava no portão de uma escola - não a minha - e um mistério: eu saí de uma rua sem saída.

Foi aí que comecei a precisar de rodas.

~

Sônia vai sair na rua e está vestindo os anéis. Um amigo grita meu nome lá fora, eu saio e brinco. De noite eu volto para casa.

~

Sônia e eu na sala assistindo televisão. Víamos a novela, depois de mais um jornal com uma morte ou várias. Haviam dois sofás, assim como tem hoje. Mas eram outros sofás. Eu no sofá menor, ela no maior. Propaganda. Tínhamos acabado de jantar - parece que o volume da TV aumentou sozinho. O trem passa lá fora, sua linha paralela à nossa vida dentro daquela casa. Propaganda, Casas Bahia. E uma cobra, cinza, vermelha e branca, fina, de movimentos pastosos, se enrola em espiral no meio do chão. Como? Volta a novela e a cobra continua lá.

Não tínhamos nenhuma pista de como a cobra entrou na sala. Ela deve ter entrado calmamente, fazendo S atrás de S, desenhando um susto, e escolhido parar bem na nossa frente para ser vista. Um chacoalhão de realidade que ofuscou a televisão, se escorregando em si mesmo. Essa invasão não distorceu o sentimento de proteção que eu sentia ali. Foi algo diferente.

O imprevisível habitava aquela casa, aquela rua. E eu sabia viver assim.

~

Hoje não tem lasanha. Mas tem arroz, feijão, angu, pernil assado, couve. Tem salada com tomates. A televisão agora mostra um vulcão em erupção lá na sala e eu acho tudo estranhamente tão bonito. No último sábado passou um filme de vulcão, agora até parece que foi combinado. Tem muita cor escondida nas camadas do mundo e eu acho o vulcão ainda mais bonito porque dessa vez ninguém morreu. Aumenta minha fome. Como os tomates acesos sobre o alface, vejo a lava varrendo o mato que cresceu no morro.



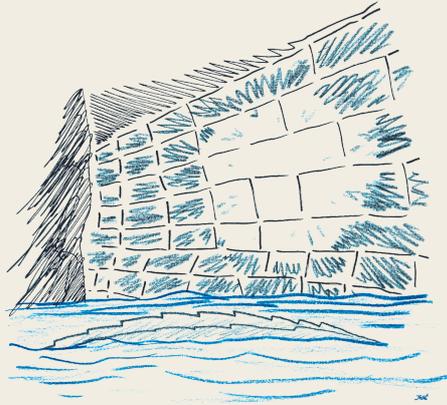
O relógio da cozinha já havia dado tantas voltas que eu já não ia mais para a escola. Eu vi as distâncias se esticarem e criei meu próprio ônibus-livro. Uma história que se desenrolou sobre rodas, eu me encontrando em outro estado. Não senti nenhum tremor, não percebi o trem chegando. Não houve som, não houve lava. Os talheres devem ter saído do lugar quando a terra tremeu, mas eu não vi. Eu já estava longe, bem mais longe daquela porta. E sem aviso, sem notícia, sem plantão, o vulcão explodiu lá na casa onde eu cresci.

Hoje, naquela casa, pretas e velhas são só as panelas, soltando calor e carregando tanta cor, tanto perfume, tanto tempero. Uma vida gostosa de se viver deixou marcado o fundo delas.

~

Percebi que Sônia era assim e me deu vontade de rir.

Ela riu comigo.



O ESCURO DEPOIS DO LADRILHO

A luz que nós enxergamos é, na verdade, um reflexo.
Já quando olhamos para algo escuro, é o próprio escuro que estamos vendo.
O escuro não reflete.
E o que não reflete, é o que atrai.

~

A casa é grande. Ou eu sou pequeno? Os dois.
Tem muita umidade no ladrilho.
Vou indo para a parte que tem menos musgo.
Um pouco mais para a esquerda e posso escorregar.
Eu já sei andar de bicicleta. Eu já tirei as rodinhas da minha bicicleta vermelha. Vinho. A cor dela é vinho.
Quantas vezes eu já fiz essa curva fechada? Foram tantas. E sem pôr o pé no chão!

Mas hoje o chão está bem escorregadio... esse musgo está bem molhado...em algumas partes já virou lodo.

No corredor do quintal não bate sol.
É sempre um pouco frio. Sempre um pouco úmido.
Eu não sei se eu queria estar aqui agora. Talvez eu pudesse estar lá dentro. Lá dentro deve estar mais quente.

Mas agora que eu estou pedalando minha bicicleta vermelha, dando voltas no quintal, eu continuo. Já foram várias voltas. E em nenhum momento eu coloquei o pé no chão!

Eu preciso continuar...

Está anoitecendo.

A luz já está fraca aqui no corredor quintal. Agora o musgo é preto. Está ficando cada vez mais frio. Mas eu não posso parar. E eu não vou cair. E nem vou pôr o pé no chão!

Tiago Franco

Eu tô ficando bom em fazer essa curva...mas tá difícil de enxergar. Se a roda entrar na parte do lodo, eu vou cair.

Está ficando bem escuro.
Minha respiração está mais forte. E o ar que entra pelo meu nariz, é frio.
Mas eu continuo. Sempre no mesmo ritmo. Mais uma volta. É melhor não frear. Nada pode tirar o meu equilíbrio..
Eu já quase não enxergo.
Eu vejo apenas o reflexo da lâmpada no ladrilho.

Onde acaba o ladrilho, é só escuro.
Depois do ladrilho não tem nada.
Se eu cair para fora do ladrilho, eu vou morrer.

Eu aumento a velocidade. Mas acho que foi sem querer. E agora, fazer a curva, sempre a mesma curva, está bem mais perigoso.
Mas se eu frear eu posso cair...
Não.
Eu não posso cair!
É uma questão de vida ou morte.

Eu me guio pelo reflexo da lâmpada no ladrilho.
Preciso manter a mesma velocidade, para não desequilibrar. Mas já estou cansado.
Mas eu não posso parar.
Meus pais estão lá dentro. Lá dentro é seguro e quente.
Aqui é frio, úmido e perigoso.
Me sinto só.
Será que eles sabem que estou aqui?

Se eu cair para o escuro depois do ladrilho, eu vou morrer.
E eles não vão nem saber.
Se eu cair eu vou afundar. E a minha bicicleta vai afundar. E eles nunca vão saber.
No escuro depois do ladrilho, é água.
É uma água muito escura.
Se eu afundar nela, nunca ninguém vai ver. Nunca ninguém vai saber.
Eu vou perder minha bicicleta. Não, eu vou afundar junto com ela.

Uma hora eu preciso parar de pedalar.
Não posso!
Se eu parar eu vou cair. Vou afundar.
Vou afundar no escuro depois do ladrilho.

O reflexo da luz da lâmpada no ladrilho vai mudando.
Já não sei se estou passando pelo mesmo lugar da última volta...pelo mesmo caminho.

O que me resta é continuar. Sem perder o ritmo. Sem perder o equilíbrio.

O reflexo da luz da lâmpada ilumina alguma coisa no escuro depois do ladrilho. O que pode ser?
não tinha isso antes...
Devem ser crocodilos.
Agora dá pra ver que são vários.
Eu não posso cair... eu não posso cair... eu não posso cair...

Me distrai um pouco do caminho.
Olhando para o escuro, esqueci de olhar para o pneu da bicicleta.
O exato lugar onde o pneu encosta no reflexo da luz da lâmpada no ladrilho, esse era o meu caminho.
A bicicleta começa a desequilibrar.
Eu já não sei muito pra onde olhar...
O pneu escorrega.

~

E enquanto eu caía em direção à água escura e fria, a água também transbordava sobre o ladrilho do quintal.

Já não sei se era o escuro que transbordava, ou se era eu que caía e e e atraía , para o escuro depois do ladrilho.



Envolvido pela água fria e densa, não demorei muito para perceber que o escuro estava dentro de mim.

E agora que eu respiro aqui dentro, eu vejo o mundo a partir de baixo.

E o que se vê quando fica tudo escuro?

Quanto tempo pode-se ficar sem respirar debaixo d'água?

Só me resta perguntar aos crocodilos.

~

O olho do crocodilo refletia a luz da lâmpada.

E eu não sei se é um olhar profundo ou completamente vazio.

Não sei dizer se ele me vê.

Ou para onde ele olha.

Ele parece já ter visto de tudo.

Talvez ele esteja parado ali desde a pré-história

Ele não diz nada.

O silêncio é total.

Eu nunca vi algo vivo ser tão silencioso.

O silêncio é total.

Nem mesmo a água parada e fria, fazia tanto silêncio quanto o crocodilo.

Que me olha.

Que eu não sei se me olha.

Agora eu também não me mexo muito.

E para não quebrar o silêncio, eu quase não respiro.

Eu já não sei se estou respirando.



Paralisado e calado, eu olho para aquele sorriso.
O sorriso parado e insistente.
Que parece tirar sarro.
Que parece estar prestes a falar algo.

Já não sei há quanto tempo estou olhando para esse olho que hipnotiza e que não pisca.
Não sei quanto tempo consigo olhar para esse sorriso que tira sarro e não explica.

Quando decido interromper o silêncio, pergunto:

- Há quanto tempo estou aqui?
- Até você cair, foi um minuto.
- E aqui embaixo d'água?
- Desde a pré história.

As luzes refletidas nos relevos da pele molhada, brilham,
acendem e apagam em uma calma dança.



A VIDA FALA COM A GENTE

Seu choro chamava a chuva, como o cio chama o animal selvagem. Ao cair da noite escura, Laura caiu aos prantos, esforçando-se para que o som de suas lágrimas não fosse mais alto que o volume das notícias que saíam da velha TV de tubo.

É engraçado como certas manchetes parecem nunca se atualizar: a alta do dólar, o subir da inflação, uma nova guerra em nome de um Deus já cansado de servir de argumento pra tanta atrocidade. Mas havia uma novidade em meio a tudo aquilo: o fim do mundo que a passagem do ano de 1999 para 2000 traria, assim diziam alguns pseudogurus.

Finalmente uma notícia boa! Laura pensou, desviando brevemente o olhar raivoso das páginas de seu diário. Aquilo não amenizava a dor que sentia, mas, ao menos, seu mundo não seria o único a acabar.

Laura carregava consigo poucas certezas sobre a vida, entre elas, o senso comum de que a morte é certa. Ela também carregava a certeza de que algum bilionário, em algum lugar do mundo, torraria alguns milhões tentando mudar isso. Para ela, o que não era senso comum, era a vida. A sua razão de existir, seus tantos porquês, suas injustiças...

Mas, do início até lá, do nascimento até a morte, uma coisa era inegável: a vida conversa com a gente.

O tempo todo a vida conversa com a gente; seja através de uma música que toca ao fundo no bar, uma conversa alheia no metrô, uma anotação antiga achada em meio a bagunça, uma carta de tarô. A vida fala, fala, fala, como uma maritaca impertinente. O problema é que ela precisa de ouvidos atentos e o barulho do dia a dia é, muitas vezes, ensurdecador.

Mariana Mazieiro

Ainda assim, ela fala. E, por mais que Laura fosse incapaz de escutar qualquer acorde naquela noite, a vida não deixou de tocar sua canção.

Ali, sentada no chão frio de seu quarto, cercada por seus móveis brancos, ela chorava desenfreadamente, enquanto rasgava as páginas de seu diário em micro pedaços, numa espécie de produção de confete em pequena escala, sem folia, porém.

Palavra é segredo entre quem escreve e a folha de papel. Aqueles que ouvem ou leem palavras de outrem, primeiro, têm de merecê-las. Além do pacto invisível que existe entre aqueles que compartilham suas palavras. Pacto banhado em pudor, admiração e reconhecimento da coragem um do outro.

Mas, nos últimos dias, suas palavras haviam sido invadidas por quem, antes, não mereceu. Guardar desabaços é função primordial das páginas de diários e de terapeutas. E, nas folhas em branco, Laura havia desabaçado sobre a primeira morte que experienciara, a primeira morte de alguém que amava; a morte de alguém que, supostamente, deveria viver tantos anos mais e lhe guiar pela vida. Sua prima-madrinha havia partido e levado consigo incontáveis sonhos por realizar que seus trinta e poucos anos não lhe permitiram.

Ao ler o desabaço da filha, não restou dúvidas à mãe de Laura que aquelas palavras deveriam viajar, cruzar estados e chegar até a cunhada. Uma mãe tentava consolar a outra, enquanto violava os segredos da filha. E, assim, o guardião de memórias sumiu misteriosamente por três dias, regressando justamente quando o pai de Laura voltara de viagem, das terras onde vivia parte da família.

Tomada pela dor que aquela invasão lhe causara, Laura prometeu nunca mais escrever. Muito tempo se passou, o ano de 2000 não trouxe o fim do mundo, como haviam previsto, e Laura já não dava ouvidos ao que a vida lhe dizia; seguia uma vida de manada, fazia o que diziam a ela que deveria ser feito. A existência protocolar sem graça, sem sal, sem vida não conduz a outro caminho que não o do perder-se.



Na busca por respostas, ela visitou seu passado e, de pronto, foi levada ao encontro com sua versão adolescente que rasgava as páginas de seu diário, em meio às lágrimas. Daquela vez, porém, Laura não se viu sozinha. Havia algo luminoso ao seu lado, uma espécie de anjo, talvez. Luz que Laura logo compreendeu que se tratava de sua madrinha, agora fada.

Laura se lembrou das palavras que aquele ser etéreo havia escrito pouco antes de deixar a carne, em um e-mail para as amigas que mais parecia uma carta de despedida: “talvez nunca voltemos a estar tão perto fisicamente, mas nunca estaremos longe.”

Sua madrinha havia cumprido a promessa. E seguia cumprindo a promessa. Ela nunca esteve longe. Diante daquela cena, porém, Laura entendeu que para que pudesse se encontrar, diferente de sua madrinha, ela deveria quebrar a promessa que havia feito. Assim, a menina-adolescente-adulta voltou a escrever. Dessa vez, acompanhada por sua madrinha ghost writer, seu anjo que nunca deixou de sussurrar ao seu ouvido: escreva.

Hoje, cada palavra de Laura traz ao o mundo, é banhada pelo invisível.

A vida sempre fala com a gente, ainda que não se faça ver.



POR UM TRIZ

A realidade só é boa enquanto ela ainda é uma expectativa. Quando um projeto se concretiza nos despedimos de nossas idealizações e é aí que nos pegamos convivendo com aquela conquista, que parecia mais bonita quando ainda era vista como algo inalcançável. Existe um momento de nossas vidas que realizamos grandes sonhos. Algumas pessoas vivem tempo suficiente para que esse recorte da existência se repita uma série vezes. Outras não, quem sabe realizem um ou nenhum sonho.

Existe uma linha fina que separa a nossa expectativa do final de tudo. Um triz – e muitas vezes atravessamos esse espaço sem perceber. Cruzamos a linha de partida, dançamos colados a valsa de um quase e aí já é outro dia. É aqui que minha história começa. Eu estava distraída no trânsito, precisando correr para chegar ao aeroporto, mas também estava impotente com o mar de carros que nos afogava na avenida movimentada.

Quando de repente, tudo era água. O asfalto foi sendo tomado por pequenas ondas, no início parecia lama, depois o mundo foi virando piscina gostosa, queda d`água, cachoeira para a gente se molhar. Me dei por vencida, perderia o voo. Largamos os carros enfileirados, partimos para nossas casas. Convidei Ana para um café. Aparentemente, aquele novo tipo de mundo nos autorizava a falar em plena terça-feira: “- hoje eu não vou trabalhar”. Paramos de correr, nos encontramos mais vezes.

Naqueles dias, nos divertimos muito, Ana e eu, bailando, com a enchente nos costurando, as águas passeando pelas casas. As ruas viraram grandes tábuas de escorrega. As moradias, se transformaram em piscinas com coisas para fazer. Era possível nadar e cozinhar, boiar e adormecer, refrescar-se em dia quente de trabalho, minha parte preferida. Tudo estava mais divertido. O inesperado. A novidade. O sonho. A expectativa.

Camille Borges



Até que percebemos que as águas não paravam mais de subir. Os jornais chegavam até nossas casas boiando, anunciando o fim de tudo, o fim dos tempos, o fim do mundo. Aquela seria a próxima cidade enterrada pelas águas. Tudo enterrado. Era isso, estaríamos todos mortos dentro de alguns dias.

Então, em algum momento, quando as águas já ultrapassavam o topo dos prédios, Ana mergulhou e aí percebeu que tinha fôlego infinito. Ficou cara a cara com o novo mundo. Um sonho, que era realidade. Iríamos viver! Era possível respirar embaixo das águas, novamente viver, viver, viver! Ela subiu até a superfície e convidou todos nós para a descida. Parte daquele povo não topou.

Lá embaixo a gente nunca olhava para cima. Quem olhasse encontrava a sombra dos corpos boiando. A gente não sabia se eles iriam passar a eternidade deslizando sobre as águas ou se já eram matéria morta, passeando naquele novo formato de cemitério. Eu torcia pela segunda opção. Viver sendo levado de um lado para o outro, era coisa ruim de imaginar.

Nem todos se adaptaram a esse novo cenário. Subiram, para morar ou morrer na superfície. Debaixo das águas a vida estava de cabeça para baixo. Os mortos enterrados acima daqueles que estavam vivos. Os vivos vivendo embaixo daqueles que estavam enterrados em cima de nossas existências.

Ir ao cemitério perdeu o sentido, o que encontraríamos por lá? Passamos a viver esperando a próxima morte. Como será que foi a primeira morte do mundo? Como descobriram o que significava partir e nunca mais voltar? Como seria um enterro na nossa casa inundada?

Mas eu não, eu não temia a próxima partida. Eu já era íntima da morte. Havia suportado muitas despedidas. Quando nós perdemos aqueles que importam para nós, parte da gente fica enterrada junto deles. Às vezes enterramos um tiquinho da nossa esperança, velamos um pedacinho dos nossos sonhos, enterramos o desespero. Eu aprendi a não me surpreender. A morte era uma visita indesejada, chegava bagunçando minha casa. Nunca batia na porta, escancarava, era barulhenta, me fazia tremer.



Todos que eu amava morriam do mesmo jeito, sem avisar. Eu nunca pude me preparar. Mas será que existe um jeito de se preparar para a morte? Fui ficando assim, apática, com dificuldade de me despedir de tudo. Uma viagem boa não podia acabar nunca, um pedaço de torta deveria abraçar minhas papilas gustativas para sempre, a virada de um ano bom anunciava a despedida do melhor ano que já vivi. Eu tinha dificuldade com despedidas, uma vez minha analista me disse isso. Parecia que eu me despedia de pessoas com mais facilidade do que de momentos.

O fato é que eu já pensava em morte. Eu vivia qualquer encontro como se fosse o último. Parece uma vida de merda, mas é apenas a vida de quem já perdeu quase todos. Eu lembro que já não fazia novos amigos. Eu acreditava que poderia ser a responsável por tantas partidas, vociferava: “quanto menos gente conheço, menos despedidas eu vivo”. E me consolava assim.

Sentei-me à mesa para seguir a conversa debaixo das águas. Olhei para a cabeceira, avistei meu tio. Por um instante fiquei confusa, achei que ele já tinha partido. Segurei a mão de Ana e de repente erámos uma só. Perguntamos, como se já não pudéssemos segurar nossas línguas: “- tio, tu sentes falta de estar vivo?”.

Ouvi uma buzina ensurdecadora, despertei em sobressalto, olhei para a janela, havia um brilho que ofuscava as cenas que percorriam meus olhos. Pisquei algumas vezes até que percebi, há poucos metros, um corpo estirado no asfalto. Um motoqueiro ao chão, coberto com aquele papel brilhoso, cercado por vidas armadas, armadas de vontade de viver, armadas de fuzil para proteger. Passou rápido, mas eu pensei: para onde ele estaria indo antes daquele triz? Qual era sua história? Para onde estava correndo? Ao seu lado um legista vasculhava sua carteira, buscava seus cartões, fotografias, documentos, um bilhete recém utilizado com sua amante no motel, qualquer prova de algo. Quando alguém morre, a privacidade do morto vai embora junto com sua alma. Após o acidente, o trânsito desafogou e seguimos em frente, saí dos meus pensamentos pois estava na hora de encarar a realidade.



OS MILÉSIMOS QUE DÃO LUGAR AOS SEGUNDOS

Os milésimos que dão lugar aos segundos, que logo viram minutos horas dias anos. O apito final do juiz que indica fim de jogo. Outra partida. O tempo escapa entre os dedos das mãos como água corrente. Fecho a minha boca, mastigo as palavras e o que foi dito há pouco se esvai no ar. Logo à frente, contrastando com o meu rosto, a pele enrugada dando sinal as marcas do tempo. São tantas que nem me reconheço.

Estamos entre aquilo que o reflexo nos revela e a língua nos dita. Há duas coisas que são ocupadas por todos em sincronias diferentes: o mundo e o tempo. Daqui o sol nasce, de lá o sol se põe. Tempo que sabe passar como ninguém, ensina aos mais atentos que não tem trégua nem reza que o faça parar. Eu aprendi há um tempo, quando pedi para que passasse mais rápido ou que voltasse, um milésimo, que seja, e alguma coisa seria diferente.

Guiados pelo fio condutor das horas que apontam continuamente para uma direção. Farejo um espaço no tempo onde meu corpo é água, mergulho na fuga e caio no encontro da terra e o mar. Mãe terra, pai mar. A velocidade é outra, é claro como o dia refletindo o céu azul. Tão claro que vejo o avesso do que gostaria. Reconheço essa gente mas desconheço a razão do medo. Perdemos a razão, a porta de entrada virou um convite pra saída.

Poucas coisas me assustam, nem mesmo o clarão do fogo que vem vindo em minha direção.

Mar claro, fogo claro, enxergo escuro. Não queria ver o meu reflexo e acabei não vendo mais nada. Ouvi dizer que a vida conversa com a gente, então lanço a aposta de que ela deve ter escutado quando disse que nem os olhos fechados são escapatória para as coisas que a gente não quer ver. E olha que ironia: agora nem com os olhos abertos eu enxergo. Parece coisa de Saramago.

Bruna Nunes



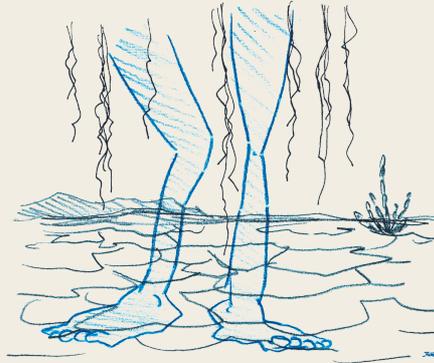
Sabe o que me assusta? Deixar de sentir. Tá aí uma coisa que eu sempre tive medo. Não sentir as coisas é prisão perpétua daqueles que foram condenados a uma vida medíocre. Passo a mão pelo rosto e ainda o sinto aqui. Ufa! Tenho um corpo em vida. O coração ainda bate, a água ainda escorre. Mas a retina deve ter pifado, não resistiu a tanta tecnologia. Se fechou atrás da cortina como quem denuncia que o espetáculo acabou. Não tem mais nada que eu possa ver.

Existo numa espécie de abismo inconsciente e habito no invisível da matéria. Não estou adormecida, a realidade me acorda e meus pés se movimentam num ritmo sincronizado para me manter submersa. Tateio os escombros e tráfego nesse oceano atlântico-pacífico, tanto faz, não calculo a distância entre eu e eles porque agora tudo parece indeterminado. Chamo por alguém mas parece que existo só na minha cabeça. Falamos a mesma língua, mas ninguém me ouve. Grito no mudo até perder o fôlego.

Esta é uma vida invertida. Fogo dentro do mar, escuro no claro, silêncio entre as gentes e ninguém tem nome.

me sinto um cronômetro





A ÚLTIMA VEZ

A vida é feita de propósitos e objetivos. Quanto mais focados estamos, quanto mais claras são nossas metas, quanto mais detalhados são os passos que temos que seguir, maior a chance de sucesso. A nossa vontade pode enfrentar e superar todos os obstáculos. O importante é nunca, nunca, nunca desistir.

Ou não.

Algumas vezes a luta pode se tornar insana. As coisas podem apenas dar errado. Os planos falham, objetivos fracassam, metas nunca são atingidas. Apesar de todo planejamento, de todo o empenho. As frustrações se acumulam, a impotência, o desânimo. E então só queremos desistir. Mentiram pra nós.

Não existem mais sentidos. Nada se justifica. Você questiona sua existência. Duvida de suas capacidades. A raiva se instala. A vontade de destruir. E esse passa a ser o novo objetivo, baseado em nada mais além do desespero e do vazio. E como num roteiro de filme, o grande final vem na forma de um "plot twist". A reviravolta. O sarcasmo mais profundo. A ironia cuspidando na sua cara. Tudo o que você mais sonhou está ali, realizado, mas não por você, e sim por um golpe do destino. Nada foi como você imaginou... você não reconhece mais aquilo como seu. Você é uma estranha. Uma autoestranha. Seu reflexo nos vidros é apenas insinuado na sua própria retina, sua pele não tem mais cor definida, tudo dentro arde.

Teresa Cecília Ramos



A única certeza é que a vida é e sempre será um imenso e profundo caos, uma grande ilusão que acreditamos controlar, mas que estará sempre vigilante, pronta para a próxima rasteira. E nada, absolutamente nada, pode ser feito...

Eu sempre viajei sozinha. O prazer de aproveitar cada passo dado, cada movimento, deixando meus pés escolherem a direção, ou apenas estancarem, me demorar numa praça, entrar num museu, assistir um espetáculo de rua aleatório, sem sentido, suspenso no tempo, apenas o necessário...

Ando nas ruas, à espreita. Já andei nestas ruas antes. A cidade já era antiga então, medieval, paredes e muros de concreto e terracota, muitas pessoas falando, conversas, plantas subindo exacerbadamente pelas paredes, floreiras penduradas nas janelas, luz, sol, movimento, cheiro de café, cheiro de lavanda, cheiro de café de novo, temperos – ervas, comida sendo preparada.

Hoje só há vazio, silêncio e um cheiro agridoce, indefinido, mas o verde da folhagem domina cada vez mais a terracota. Meus passos aleatórios continuam. Naquele tempo eu podia seguir uma pequena travessa de paralelepípedos, andar me equilibrando tentando não resvalar no chão liso, e de repente encontrar um tesouro arquitetônico ou histórico escondido... ou apenas os restos de lixo descartados nos fundos de um restaurante. Eu sabia, eu sentia, eu pressentia que mais uma vez minha hesitação seria a resposta.

Um som, sim um som... não como os de antes. Era outro, mas era ele quem definia a certeza da imagem imaginada. Segui até avistar o movimento na varanda aberta. Uma voz, masculina. Risadas, femininas. A imagem parecia se cristalizar quanto mais eu me aproximava, coração disparado, medo e surpresa. Lá estava ele.

Alto, magro, os cabelos grisalhos estrategicamente displicentemente desalinhadamente sem corte. Havia rugas, nos olhos, no pescoço, marcas de expressão na testa, no rosto, aquela flacidez característica da gradativa perda de colágeno. O rosto possuía ainda um formato forte e um sorriso de dentes amarelados pela nicotina – ou pelo excesso de café – ou apenas pelo descaso a que estava fadado.



Ele cantava mal. Muito mal. Apesar de a música em si ser uma sequência de murmúrios anasalados. Não havia violão, mas eu ouvia, era a música derradeira, a mais triste que jamais poderia existir. "I hear that you're building your little house deep in the desert..." Leonard. Um casaco azul rasgado para se proteger de uma chuva que nunca houve. Mas nada disso era motivo para que ele cogitasse desistir. As pessoas, meninas, riam, animadas mais pela segurança, persistência e bom humor do cantor. Apesar do perigo. Apesar de tudo.

Sim, lá estava ele enfim. Era inacreditavelmente ele. Meus pés doíam.

Eu sabia que iria encontrá-lo, mas não sabia que seria ele. Ele sabia que alguém iria encontrá-lo, mas não podia imaginar que seria eu. A fixação do meu olhar sobre ele fez com que me notasse. E então mais uma vez eu percebi, como sempre, todas as intenções naquele rosto... o susto apesar da certeza de que tudo era apenas uma questão de tempo, a surpresa causada pelo reconhecimento mudando sua fisionomia num pequeno esgar de lábios, um sorriso disfarçado diante de um esboço de esperança de repente pressentida, o brilho no olhar de afeto e oportunismo. O ar de superioridade diante de um território bastante conhecido. A vitória vislumbrada.

Ele me encarava com uma outra segurança que eu desconhecia nele. Com o tempo aprendi a apreciar homens mais velhos – não os alinhados e organizados, mas aqueles que exalam um certo prazer pela vida vivida, uma segurança que o tempo permitiu ao homem cis hetero branco bem-sucedido desfrutar. Era isso.

Suas feições me fizeram lembrar exatamente por que eu estava ali, reavivaram uma força quase interrompida. Meu chão de pedras lisas se abriu diante dos meus pés. Eu não podia falhar, não agora. Mas a música que não era mais tocada ou cantada continuou soando. Ele veio, as pedras continuaram cavando o abismo.

Seus lábios, seus dedos, suas unhas sujas. A pele por baixo do suor seco, trincado. Nenhuma palavra, o olho no olho, o toque leve esmagando os corpos entre os dedos. Nossos cabelos se reconheciam, se embaralhavam. Línguas ásperas, sem umidade, sem calor, sem sabor. Tremor, ar, respiro, e um vazio enorme subindo pelas minhas pernas, estraçalhando minha vagina seca... ardor e areia.



Tira a roupa. Deita. Estica os braços acima da cabeça. Cordas.

Minha língua passeou pela sua língua, seus lábios, seus olhos, pescoço. Eu vou te amarrar, como eu sei que você quer. Minhas unhas afundaram na pele do seu peito, abrindo veios rubros. Ele gostou, ele gostava, imóvel.

“We are living for nothing now, I hope you had kept some kind of record”. Uma rosa no meio dos dentes, um ladrão cigano... o espinho que fura e o sangue que jorra. A fusão profunda do desespero se expandindo em ondas de cacos fincados nas peles. Espasmos.

Eu vou embora. Não vou te matar. Não serei eu a fazer isso... Grita com todas as suas forças, porque eu vou te deixar aí, amarrado. É sua última oportunidade. Talvez alguém te escute. Agora eu vou virar as costas, vou andar até a porta, vou sair, não vou olhar pra trás.

Na rua não há mais silêncio. Consigo ouvir seus berros desesperados. O chão de pedras lisas começa a tremer. As folhas e muros de barro se esfarelam no epicentro do terremoto. Os gritos param.



ele é meio assim rio mas feio, legal mas engraçado, ruim mas meu. Meu que não gosta de ser chamado ou de ser Meu. É tudo um exagero né? É tudo um grande exagero meu, meu pequenininho pra quê? Me chama assim pra quê? Que frescura - por que ele me faz tão mal?

Algo que eu não tenho medo é dela dela, eu não tenho medo nem quando a gente se pega no cacete, eu não tenho medo dela, eu sei...que ela não vai não vai me machucar,. Ela me ama e eu tenho plena confiança nisso, ela Ama a gente eu tenho plena confiança nisso diferente dos outros com eles são certeza mas com ela é mais certeza.

Ele liga, até antes, ele ligava ele devia tá sofrendo muito, eu não quero que ele sofra, só que às vezes eu quero que ele morra só pra ele parar, sabe? Mas parece que nem assim, nem se ele morrer.

Ruim mas meu, ruim mas doido umas piadas ruins não ruim de péssima mas ruim de gente ruim tipo eu assim, eu adoro essas piadas como quem não quer nada a gente por um ou dois minutos não dá a mínima pra ninguém e isso é legal por um minuto não estar consciente disso daquilo do mundo, do planeta, das pessoas só....relaxar e ser só isso mais nada mas somos oceano temos que ser oceano com cada uma de suas criaturas belas e perigosas que atraem e repelem que amam e sonham que querem mais da vida e querendo mais da vida tem que partir tem que viver pra longe pra bem longe só pra você perceber que a única casa que você vai conhecer é a sua, que o seu lado certo não é o seu avesso.

Nathália Coutinho



Que tudo pode te pode te mudar mas nada consegue fazer isso, as coisas só te salvam, dessas criaturas perigosas. Gosto de falar que os monstros que melhor nos conhecem são os nossos, os oceanos já foram lugares de monstros. Chamamos monstros aquelas criaturas que não sabemos nomear.
